



CENTENÁRIO DA DIOCESE DE VALENÇA (Proposta)

É com grande alegria, com o coração em festa e sob a intercessão do nosso Padroeiro, São Sebastião, a Diocese de Valença inicia a caminhada preparatória para a celebração do seu primeiro centenário de criação, através da bula Apostolico Officio do Papa Pio XI, desmembrada das então Dioceses de Niterói e Barra do Piraí (hoje Diocese de Barra do Piraí – Volta Redonda), no dia 27/03/1925. Em 2025, toda a Igreja celebra o Jubileu do Nascimento de Jesus e a nossa Igreja diocesana celebra o seu primeiro Centenário de sua fundação. Esse duplo Jubileu poderá ser uma propícia ocasião pastoral para a igreja, porque ainda uma vez inserindo-se no caminho da história jubilar, oferecerá ao povo dessa Igreja Particular, uma oportunidade para expressar a própria fé. **O Jubileu precisa corresponder, antes de tudo, à espiritualidade popular que brota das exigências do povo de querer experimentar a fé nas formas próprias da sua linguagem e realizando atos que são típicos da sua tradição.**

Para estes momentos, de qualquer forma, será necessário o acompanhamento da catequese, que permitirá que tudo o que vem sendo realizado segundo as tradições seja também sustentado por uma formação mais ampla e coerente testemunho de fé. A responsabilidade pela evangelização exige que se escutem as exigências dos nossos contemporâneos para que a proposta do Evangelho seja realmente uma resposta aos questionamentos que cada pessoa põe diante de si mesma e da Igreja. O duplo Jubileu não se resume a esta dimensão, e no peculiar momento histórico caracterizado por tensões típicas da mudança cultural em curso, mas também da grave situação de guerra que aflige diversas áreas geográficas, proponho com ênfase o tema da esperança. Como se sabe, é uma característica fundamental do homem esperar. Aquilo que qualifica a esperança, de qualquer forma, é o conteúdo e a modalidade com que se espera. Desde os primórdios da história se relata que o homem fez previsões felizes ou tristes com relação ao seu futuro; quando experimenta o sofrimento e a angústia, o que lhe dá forças é a esperança.

Na Sagrada Escritura, diferentemente do mundo grego, a esperança não é jamais considerada como espera neutra e genérica; ao contrário, é distinta do temor que se tem em relação ao futuro porque é caracterizada pela espera do bem. Desde quando o homem tem vida leva consigo a esperança. Esta não é uma evasão do presente com seus problemas, mas é o fundamento que dá segurança à existência de quantos se confiam a Deus. Eis porque nos textos sagrados a esperança é colocada junto à confiança e ao amor: Nas situações de sofrimento e perigo, o homem se dirige a Deus com a esperança de ser liberto. O profeta se faz intérprete quando atesta: “Deus é a minha salvação, não tenho medo, porque a minha força e o meu canto é o Senhor. Ele é a minha salvação “ (Is 12,2). De qualquer modo, o homem parece dispor do seu presente, mas não pode fazer o mesmo do seu futuro. Resta-lhe somente o abandono confiante cheio de esperança em Deus. A esperança vai ao encontro de todos e não exclui ninguém. O seu movimento é dinâmico, não um permanecer estático. Devemos ser capazes de anunciar a nossa fé e dar testemunho da caridade através do diálogo e dos sinais da esperança. No entanto, a imagem de C. Peguy, quando descrevia a fé e a caridade como as duas irmãs maiores que vão de mãos dadas com a irmã menor, a esperança, a quem parece ninguém dá ouvidos, mas que de fato é aquela que o arrasta, possui ainda hoje as características de profunda verdade.

Escreve o Papa Francisco: “Devemos ter acesa a chama da esperança que nos foi dada, e fazer de tudo para que cada um reconquiste a força e a certeza de olhar o futuro com ânimo aberto, coração confiante e mente perspicaz. O próximo Jubileu poderá favorecer muito a recomposição de um clima de esperança e de confiança, como sinal de um renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência... Tudo isso, porém, será possível se formos capazes de recuperar o sentido da fraternidade universal, se não fechamos os olhos diante do drama da pobreza desenfreada que impede milhões de homens, mulheres, jovens e crianças de viver de maneira digna de seres humanos. As vozes dos pobres sejam ouvidas neste tempo de preparação para o Jubileu... A dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se conjuga com estes aspectos fundamentais do viver social, para constituir uma unidade coerente. Sentindo-nos todos peregrinos sobre a terra na qual o Senhor nos colocou a fim de que a cultivemos e guardemos (Cf. Gn 2,15), não descuidemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e de cuidar da nossa casa comum“.

Esse tempo de preparação para o nosso primeiro centenário de criação, enquanto Diocese, será oportuno para ressignificar a opção Reino de Deus e a renovação na fé, a esperança que se lança na atitude evangelizadora sob um tríptico olhar: o olhar para o passado (Memória), o olhar do presente (Gratidão) e o olhar que se volta para o futuro (Missionário). Ao perceber que Deus não nos abandonou em nenhum momento, sempre esteve presente. Essa memória suscita a GRATIDÃO por tantas vidas doadas, irmãos(as) incansáveis, pessoas generosas e santas. Gratidão pelo crescimento, pelas derrotas e vitórias semeadas com fé e coragem.

A Gratidão ampara a confiança no futuro com entusiasmo e audácia evangélica com a consciência de que essa história não terminou.

1 - Memória (2023):

O amor de Deus é um amor pelo mundo que Ele mesmo criou e quer sua continuação e construção. Deus tem projeto e intenções para com a história e o mundo. Ele dá o rumo, a direção, a meta para o mundo e como Pai cuida e sustenta suas criaturas e seus filhos. A Providência Divina é uma atividade permanente de Deus, um cuidado permanente. Ele cria e recria, dirige tudo à plenitude, não está longe de nós, nem é mero expectador dos acontecimentos. Ele se auto limita para poder adaptar-se ao nosso ritmo e assim permitir que as limitações das criaturas, a lei natural, e a liberdade humana sigam seus caminhos. Deus segura a manutenção do mundo. Nessa caminhada rumo ao centenário diocesano, nos estimula a não perder de vista fatos, pessoas e situações, só foi possível, devido a esse amor de Deus que nos conduziu o tempo todo.

Deus age através da inteligência e da liberdade humana. Ele não age sozinho. Quer a nossa colaboração, age e trabalha nas criaturas, numa admirável sinergia entre o Criador e a criatura. Os homens constroem a história com as intenções e a graça de Deus. Não há concorrência, há colaboração. Somos co-criadores do Criador. Deus confia no homem, quer sua participação, colaboração e ação. Quando a liberdade humana erra, sai do rumo, a Providência corrige a rota com a misericórdia e a inspiração do Espírito. Sempre podemos ter esperança numa situação desesperadora. Do mal Deus pode tirar o bem. O amor providencial perdoo, corrige, refaz e recria o que foi desviado ou destruído. Deus não age sozinho, nem o homem; pelo contrário o homem é portador da Providência Divina, na sua capacidade e previsão e prevenção com o auxílio da graça. Se não cremos na Providência caímos nas garras da fatalidade, do destino, do acaso, da sorte ou do azar, dos astros e dos espíritos. Deus é alguém, um Tu, uma consciência, Deus é Pai que sofre com os sofrimentos de seus filhos e carrega seus fardos.

Que bom ter fé e saber que há sentido em nossa história, há rumo, há futuro. Estamos livres do absurdo porque cremos no Absoluto. A fé na Providência Divina nos livra das preocupações, dos medos e inseguranças. A mão do Senhor nos conduz e faz prodígios, portentos e maravilhas em nossas vidas. Na luz da Providência a nossa história, quase centenária, tem sentido e meta. Nada é por acaso.

Atividades

- Realizações de simpósios a nível paroquial ou a nível de cidade e regional: revisitando a história com o propósito de visitar as suas origens e resgatar a memória de tantos bispos, padres e leigos que se doaram, destacando o compromisso e as contribuições sociais, contribuindo para a cultura do humanismo integral e o cuidado para com a casa comum em nossas cidades. Esta iniciativa não visa “apenas um exercício de memória, nem de mero conhecimento histórico necessário para as gerações mais novas, mas de uma tomada de consciência comum das nossas raízes que nos unem ao presente daquilo que hoje somos e vivemos.
- Atualizar as diretrizes diocesanas.
- Resgatar a Memória de padres e leigos na cidade.

2- Gratidão (2024):

“Sede agradecidos” – ordena enfaticamente o apóstolo Paulo (Cl 3.15). A expressão “Rendei graças ao Senhor”, que são as primeiras palavras de cinco Salmos (105, 106, 107, 118, 136), aparece inúmeras vezes nesse livro poético. Até o esquisito Jonas fala em agradecimento quando menciona a sua necessidade de Deus para livrá-lo do ventre do peixe (Jn 2.9). O espírito de gratidão de Paulo é impressionante. O apóstolo está sempre dando graças. Logo no início de onze de suas treze epístolas, Paulo registra que dá graças a Deus por suas manifestações na vida daqueles para quem escreve (Rm 1.8; 1Co 1.4; 2Co 2.14; Ef 1.16; Fp 1.3; Cl 1.3; 1Ts 1.2; 2Ts 1.3; 1Tm 1.12; 2Tm 1.3; Fm 4). Ele, que tanto ora pela igreja e pelos fiéis, se sente na obrigação de agradecer: “Devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor” (2Ts 2.13). Um do maior drama constatado em nossa geração é a dificuldade de reconhecer motivos para agradecer. Ao resgatar as riquezas da memória, as pessoas compreendem que tudo é dom e graça de Deus e esquecer de agradecer é passar ao lado daquilo que constitui a beleza da vida. Agradecer é muito mais que dar graças. “Ali onde não há gratidão, o dom fica perdido” (Bruno Forte). A gratidão parece apresentar-se aqui como um plus, como algo que deveria brotar com naturalidade nas relações humanas e na vida de fé, e não como uma atitude estatisticamente minoritária. Na vivência cristã, a gratidão nasce com naturalidade e espontaneidade nos

corações humildes, nas pessoas conscientes de que aquilo que recebem não é por mérito ou retribuição. Tudo é gratuidade. Precisamente porque percebem a história secular como um presente, se voltam para Deus, entregando-lhe “tudo o que tem e possuem”.

A Gratidão resgata a confiança e a profecia, há muito mais a agradecer do que se lamentar... Assim, a Memória se faz gratidão.

Atividades:

- Cada Cidade, deverá organizar de modo público, um momento celebrativo: Show's, Caminhadas, Missas.
- Outras sugestões:

3- Missão (2025)

A Missão na Igreja é viver o Reino de Deus visando renovar a fé dos batizados e transformar estruturas injustas que ferem a dignidade humana. O Documento de Aparecida afirma: “Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã” (DAp 144). A ‘Igreja em saída’, sonho de Francisco, respalda-se em outra palavra chave, tão cara ao nosso papa: a cultura do encontro. Sair para encontrar. Ir ao encontro das nações, dos povos novos para tornar conhecido o evangelho. Ter consciência de ser missionário, portador de um dom, e encontrar o outro para levar a boa nova. Não obstante haja a tentação de impor algo ou uma doutrina, a missão é anunciar o evangelho. Fazer discípulos é convidar e colocar as pessoas num caminho. Missão é atitude de abertura. Encontrar e anunciar a boa nova. Isto exige da Igreja e de cada cristão uma atitude contínua de discípulo. Disposto e sempre capaz de aprender com o Mestre.

Sair e ir ao encontro significa, em nossos dias, assumir as mesmas atitudes dos apóstolos ao serem enviados por Jesus. Missão é partir sem medo, livres, despojados dos bens e de si mesmos, certos de que não faltarão dificuldades e perseguições. Mas ancorados na certeza de que o próprio Senhor acompanha a quem Ele envia. Longe, no além-mar ou perto, em nossos bairros ou centros urbanos, há campos de missão. Há periferias físicas e existenciais das pessoas que precisam da boa nova. ‘A messe é grande’ esperando cristãos ‘em saída’ dispostos a anunciar. Crianças, jovens, idosos, homens e mulheres de nosso tempo e de nossas cidades são as multidões de hoje que esperam de nós cristãos o testemunho de fé e palavras que apontem esperança e alegria. Atitude de encontro e palavras de proximidade. Francisco nos diz na *Evangeli Gaudium*: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias segurança”. Nesse ano do centenário, colhemos a oportunidade para renovar o ardor missionário que brota de nosso batismo. O ‘ide e anunciai’ que Jesus dirigiu aos apóstolos, se dirige e se renova a nós, nessa Igreja diocesana missionária.

Atividades:

- Missão popular a nível de Paróquia e distribuir um ícone;
- Peregrinação a Cidade de Roma e celebração de ação de graças sob o tumulto do padroeiro Diocesano.
- Um Congresso Eucarístico Diocesano na Semana de Corpus Christi (Um dia de Conferência para membros do clero e representantes dos organismos do povo de Deus, Pastorais e movimentos; Um Dia por Cidade e outro paroquial e outro comunidades).
- Lançamento por regional de um livro – fruto da memória.
- Uma Missa de ação de graças por regional
- Uma missa única na sede da Diocese.
- Outras sugestões

4- Legado do Centenário Diocesano.

- Social
- Eclesial
- Casa Comum

Uma Logo marca do jubileu diocesano

Um hino